



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA

MAYSA FRANCO FERREIRA DO NASCIMENTO

**A FAMÍLIA COMO AGENTE FACILITADOR DA
DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM**

ANÁPOLIS

2011

MAYSA FRANCO FERREIRA DO NASCIMENTO

**A FAMÍLIA COMO AGENTE FACILITADOR
DA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM**

Trabalho apresentado à coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica sob orientação da Professora Especialista Ana Maria Vieira de Souza.

Anápolis

2011

MAYSA FRANCO FERREIRA DO NASCIMENTO

**A FAMÍLIA COMO AGENTE FACILITADOR
DA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação do curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis, 22 de outubro de 2011.

APROVADA EM: _____ / _____ / _____ NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Convidado (a)

Convidado (a)

RESUMO

O presente artigo narra o estudo do caso de uma criança com queixa escolar, acerca da dificuldade de aprendizagem. Descreve a aplicação da avaliação psicopedagógica e as técnicas de intervenção utilizadas, a interpretação da avaliação e os resultados obtidos, lidando com problemas de dificuldades, buscando diagnosticá-los através de levantamento de hipóteses. Espera-se, com este trabalho, identificar as causas das dificuldades de aprendizagem apresentadas por V.G.S., bem como, após analisá-las, diagnosticar os sintomas, buscando soluções junto à família e a escola, visando compreender os fatores emocionais que envolvem a referida aluna. Para tanto, o referido trabalho tem suporte nos referenciais teóricos de Weiss, Fernández, Visca, Pain, Boss e outros. O Estudo do caso está dividido em cinco partes, sendo: introdução, metodologia, diagnóstico psicopedagógico, resultados finais e anexos.

Palavras-chave: Psicopedagogia. Aprendizagem. Família. Vínculo. Escola

ABSTRACT

This article recounts a case study of child abuse at school, on the difficulty of learning. Describes the application of psychoeducational assessment and intervention techniques used, the evaluation and interpretation of the results, dealing with difficult problems, trying to diagnose them through a survey of hypotheses. I hope with this work, identify the causes of learning difficulties presented by VGS, and, after analyzing them, diagnose, seeking solutions with the family and school in order to understand the emotional factors surrounding the student said. To this end, this work is supported by the theoretical Maria Lucia Weiss, Alicia Fernandez, Jorge Visca, Sarah Pain, Nadia Boss and others. The case study is divided into five parts, as follows: introduction, methodology, diagnosis, psychology, bottom line and attachments.

Keywords: Psychology. Learning. Family. Connection. School

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-Ambiente Administrativo.....	16
Quadro 2- Educação Física e Recreação.....	17
Quadro 3- Ambiente Pedagógico.....	17
Quadro 4- Cronograma.....	18

LISTA DE SIGLAS

ABPP	- Associação Brasileira de Psicopedagogia
EOCA	- Entrevista Operacional centrada na Aprendizagem
INEP	- Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais
NEE	- Necessidades Educacionais Especiais
MEC	- Ministério da Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I: METODOLOGIA	12
1.1 Campo de Estágio	12
1.2 Técnicas	18
1.3 Procedimentos	18
CAPÍTULO II:DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO	19
2.1 Instrumentos utilizados	19
2.1.1 <i>Anamnese</i>	19
2.1.2 <i>Entrevista com a aprendente</i>	20
2.1.3 <i>E.O.C.A</i>	21
2.1.4 <i>Técnicas Projetivas</i>	22
2.1.5 <i>Entrevista com o Professor</i>	26
2.1.6 <i>Verificação da Superação ou não do Realismo Nominal</i>	27
2.1.7 <i>Observação em sala de aula</i>	28
2.1.8 <i>Observando a aluna fora da sala de aula</i>	29
2.1.9 <i>Avaliações pedagógicas: Avaliação do ditado/escrita</i>	29
2.1.10 <i>Avaliação da leitura</i>	29
2.1.11 <i>Prova de Matemática</i>	30
2.1.12 <i>Prova Operacionais de Piaget</i>	31
CAPÍTULO III: RESULTADOS FINAIS E DISCUSSÃO	35
3.1 Informe Psicopedagógico – devolução	36
CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
ANEXOS	43

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende mostrar que o problema de aprendizagem pode ser provocado por causas internas ou externas à estrutura familiar e individual, ainda que sobrepostas. Segundo Pain (1985), os problemas ocasionados pelas causas externas são chamados por problemas de aprendizagem reativos, e aqueles cujas causas são internas à estrutura de personalidade ou familiar do sujeito denominam-se inibição ou sintoma – ambos os termos emprestados da Psicanálise. Ao andar pela estrada proposta pela psicopedagogia, fica estabelecida a diferença entre os sintomas, fracasso escolar e das dificuldades de aprendizado.

A família é um núcleo de convivência, unido por laços afetivos, que costuma compartilhar o mesmo teto. Historicamente, a família constitui uma instituição de extrema importância na formação e na educação das crianças, juntamente com a escola, onde é desenvolvida a educação e formação sistematizada das mesmas. Porém, é no ambiente familiar que a criança tem seu primeiro contato com a sociedade. Daí a importância da união dessas duas instituições sociais na formação educacional das crianças, embora a maioria dos sistemas educacionais defendam a posição de que a educação inicial é de responsabilidade da família, pelo fato de considerar esse ambiente familiar como ideal para o desenvolvimento e educação das crianças .

O objetivo deste artigo é compreender como a psicopedagogia é concebida como uma ciência de conhecimento que proporciona uma melhor compreensão do significado do não aprender, apresentando como objeto de estudo o processo de aprendizagem.

Psicopedagogia é um campo de conhecimento e atuação em Saúde e Educação que lida com o processo de aprendizagem humana, seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio - família, escola e sociedade - no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios.

Segundo Bossa (2000, p. 21), a Psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana, que adveio de uma demanda - o problema de aprendizagem, colocado num território pouco explorado, situado além dos limites da Psicologia e da própria Pedagogia - e evoluiu devido à existência de recursos, ainda que embrionários, para atender essa demanda, constituindo-se, assim, numa

prática. A Psicopedagogia vem criando identidade e campo de atuação próprios, que estão sendo organizados e estruturados especialmente pela Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp).

O objeto de estudo da Psicopedagogia é a aprendizagem humana e os padrões evolutivos normais e patológicos. É necessário comentar que a Psicopedagogia é comumente conhecida como aquela que atende crianças com dificuldades de aprendizagem e notório o fato de que as dificuldades, distúrbios ou patologias podem aparecer em qualquer momento da vida, portanto, a Psicopedagogia não faz distinção de idade ou sexo para o atendimento psicopedagógico.

Atualmente, a Psicopedagogia vem se firmando no mundo e se estabelecendo como profissão. O Projeto de Lei 3.124/97 do Deputado Barbosa Neto que prevê a regulamentação da profissão de Psicopedagogo e que cria o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicopedagogia, está em tramitação na Câmara dos Deputados em Brasília, na Comissão de Constituição, Justiça e Redação. A regulamentação da profissão ocorrerá para o nível de especialização e o projeto já foi aprovado na Comissão do Trabalho e na Comissão de Educação, Cultura e Desporto.

Historicamente, segundo Bossa (2000, p. 36), os primórdios da Psicopedagogia ocorreram na Europa, ainda no século XIX, evidenciada pela preocupação com os problemas de aprendizagem na área médica. Acreditava-se na época que os comprometimentos na área escolar eram provenientes de causas orgânicas, pois procurava-se identificar no físico as determinantes das dificuldades do aprendente.

De acordo com Bossa (2000, p. 48), até bem recentemente a crença de que os problemas de aprendizagem eram causados por fatores orgânicos perdurou por muitos anos e determinou a forma do tratamento dada à questão do fracasso escolar. Nas décadas de 40 a 60, na França a ação do pedagogo era vinculada à do médico. No ano de 1946, em Paris, foi criado o primeiro centro psicopedagógico. O trabalho cooperativo entre médico e pedagogo era destinado às crianças com problemas escolares, ou de comportamento, que eram definidos como aquelas que apresentavam doenças crônicas como o diabetes, tuberculose, cegueira, surdez ou problemas motores.

A denominação "Psicopedagógico" foi escolhida, em detrimento de "Médico Pedagógico", porque acreditava-se que os pais enviariam seus filhos com mais facilidade de aprendizagem. Em decorrência de novas descobertas científicas e movimentos sociais, a Psicopedagogia sofreu muitas influências.

O objetivo era melhorar a relação professor-aluno em 1958, no Brasil, surge o Serviço de Orientação Psicopedagógica da Escola Guatemala, na Guanabara Escola Experimental do Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) do Ministério da Educação (MEC).

O campo de atuação do psicopedagogo está se ampliando, pois o que inicialmente caracterizava somente no aspecto clínico, hoje a Psicopedagogia pode ser aplicado no segmento escolar, conhecida como Psicopedagogia Institucional, em segmentos hospitalares, empresariais e em organizações que aconteçam a gestão de pessoas.

A atuação será realizada na escola campo o estudo do caso terá embasamento na Psicopedagogia Clínica tem como missão retirar as pessoas da sua condição inadequada de aprendizagem, dotando-as de sentimentos de alta auto-estima, fazendo-as perceber suas potencialidades, recuperando nelas desta forma, seus processos internos de apreensão de uma realidade, nos aspectos: cognitivo, afetivo-emocional e de conteúdos acadêmicos.

É possível perceber que a Psicopedagogia também tem papel importante em um novo momento educacional que é a inserção e manutenção dos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) no ensino regular, comumente chamada "inclusão". Entende-se que colocar o aluno com NEE em sala de aula, e não criar estratégias para a sua permanência e sucesso escolar, inviabiliza todo o movimento nas escolas. Faz-se necessário o acompanhamento por um psicopedagogo para estimulação dos alunos com NEE para que as suas aprendizagens sejam efetivas.

Segundo Weiss, (2003, p. 16), os aspectos cognitivos estão ligados ao desenvolvimento e funcionamento das estruturas cognoscitivas em seus diferentes domínios. Inclui-se nessa grande área aspectos ligados à memória, atenção, antecipação. O fracasso escolar está ligado ao aluno enquanto aprendiz, isto é, especificamente às condições internas de aprendizagem.

Trata-se de uma criança de 10(dez) anos e 11(onze) meses, que no decorrer do artigo, será chamada de V.G.S. O estudo em questão se fez a partir da queixa da Escola Patronato Madre Mazarello. Portanto, este estudo, realizado na

cidade de Anápolis, na Escola Patronato Madre Mazarello, visa alcançar os objetivos propostos por meio de entrevistas, observações, avaliações pedagógicas e psicopedagógicas, diagnosticar os problemas referentes e encaminhar a aprendente ao tratamento necessário.

CAPÍTULO I - METODOLOGIA

1.1 Campo de Estágio

O estudo foi realizado com uma aluna da Escola Patronato Madre Mazzarello localizada na Vila Góis, no município de Anápolis.

No ano de 1958, iniciaram-se as aulas com aproximadamente 50 alunas externas. E no dia sete de abril de 1958, as irmãs passaram a residir definitivamente no Patronato Madre Mazzarello com a casa ainda em obras. E no dia seguinte recebe a primeira órfã com apenas oito anos de idade. No início da obra tudo era pobre e muito simples.

No ano seguinte (1959), já foi possível iniciar a construção do segundo pavilhão para a residência das Irmãs. Pouco depois feito um convênio com o Estado de Goiás, instalou-se o grupo escolar para as crianças do bairro.

Na década de 70, entra em ação a terceira parte do Patronato, a Casa de Encontros e a nova Capela.

Em 1980, vieram os questionamentos sobre o internato, para diagnosticar as situações problemáticas sobre a instituição e traçar um plano de ação. Porém a resposta a esta proposta vem bem mais tarde, em 1987; a comunidade após oração e reflexão decide por novos caminhos.

Em 1988, iniciou-se a nova forma de atendimento ao menor carente. No regime de semi-internato, 170 garotas passam o dia no Patronato Madre Mazzarello. Meninas de 06a 15 anos aprendem a fazer tapetes, bordados, pintura, crochê e tricô. Recebem ajuda nas tarefas escolares e gozam de momentos de esporte e lazer.

Atualmente, o Patronato mantém uma escola popular, oferecendo o Ensino Fundamental e o Oratório Diário Madre Mazzarello (Obra Social) para atender os alunos mais carentes em horário integral. Atende-se atualmente na escola 724 crianças e adolescentes, sendo 104 em regime de semi internato no Oratório Diário (obra social), 81 alunos da Escola Patronato Madre Mazzarello, e 23 alunos da Escola Municipal Rosevir Ribeiro de Paiva.

No Oratório são oferecidas as seguintes atividades:

- Acompanhamento escolar: momento em que as crianças e os adolescentes realizam as tarefas da escola;

- Apoio pedagógico: atividades diversificadas e de enriquecimento, em que o aprender e o lúdico se juntam na construção do conhecimento de uma maneira prazerosa, criativa e participativa;

- Esporte: nas modalidades de futsal, vôlei, handebol;
- Trabalhos artesanais;
- Aula de dança;
- Laboratório de informática;
- Teatro.

Projeto Segundo Tempo, que é um Programa do Ministério do Esporte, destinado a democratizar o acesso à prática e à cultura do Esporte de forma a promover o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens, como fator de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade social.

Em 1998, a portaria nº 3158/98 do dia 05 de novembro liberou a extensão de série do Ensino Fundamental já para o ano de 1999, ampliando o convênio com a Secretaria de Educação do Estado de Goiás. No entanto, com a municipalização da primeira Fase do Ensino Fundamental, atualmente a escola oferece o ensino de 5º ao 9º ano.

Três pilares sustentam a nossa ação:

Razão: criar e garantir um relacionamento dialógico, autonomia intelectual do aluno que conhece e assume “as razões” do que estuda e vivencia;

Religião: abertura ao sentido da existência e prática dos valores evangélicos, com atitude ecumênica e dialógica;

Amorevolezza: (bondade, carinho): clima educativo de confiança, compreensão, alegria, amor que favorece o relacionamento educador-educando e que estimule o crescimento da instituição.

Os três pilares devem ser traduzido na formação de homens e mulheres capazes de:

- Descobrir o prazer de construir sua própria identidade, a partir da liberdade e da responsabilidade;
- Comprometer-se com os outros e consigo mesmo;
- Construir a felicidade mediante o desenvolvimento de suas capacidades, da convivência e da interação solidária;

- Entender essas tarefas como uma possibilidade de crescimento contínuo, que durará a vida inteira;
- Fazer uma síntese entre vida, cultura, ciência e fé.
- Na base motivadora da preocupação educativa encontram-se algumas crenças que lhes dão consistência:
 - Os educadores se sentem chamados como compromisso de vida, para este trabalho;
 - Todos os educandos possuem possibilidades para o desenvolvimento do bem;
 - Os educandos são os protagonistas da própria formação e de sua história;
 - O estilo de educação se configura como método e espiritualidade;
 - A reciprocidade enquanto maneira de entender e promover o relacionamento;
 - Igualmente, na base motivadora do projeto educativo existem valores que são operacionalizados no cotidiano da ação educativa;
 - A “preventividade” entendida como responsável pelo processo de educação para o futuro, na medida em que planeja e acompanha ativamente o processo de desenvolvimento do educando;
 - O ambiente educativo, que favorece o relacionamento mediante um clima de acolhida, alegria e co-responsabilidade;
 - As forças interiores, configuradas na razão, religião e amor educativo, consideradas o trinômio sintetizador da experiência educativa salesiana;
 - A presença propositiva dos educadores entre os educandos.
- O Patronato considera e assume como valores:
 - A convivência – presença educativa e significativa no meio dos alunos.
 - Qualidade de ensino e qualidade de relação.
 - Ambiente que possibilita o empenho de educar-se e educar.
 - Formação contínua do educador.
 - Uma gestão participativa e democrática.
 - A aprendizagem do aluno de modo prazeroso.
 - A metodologia do Grupo Cooperativo.
 - Construção de uma disciplina consciente e interativa.

- Educar para a cultura da vida, da paz e do amor.
- Educar para a capacidade de fazer escolhas autônomas.
- Trabalhar em rede.
- Evangelizar educando e educar evangelizando.
- Conhecimento qualificado do Sistema Preventivo.
- Ler criticamente a realidade e a cultura mediática.

Dificuldades e possibilidades para reorganização de seu investimento na tarefa de aprender. Para a Escola Patronato Madre Mazzarello, possibilita definir prioridades e localizar quais aspectos são ações educacionais e demandam maior apoio.

Utilizar a avaliação como instrumento para o desenvolvimento das atividades didáticas requer que ela não seja interpretada como um momento estático, mas antes, como um momento de observação de um processo dinâmico e não linear de construção do conhecimento.

Em suma, a avaliação é compreendida como: elemento integrador entre a aprendizagem e o ensino; conjunto de ações cujo objetivo é o ajuste e a orientação da intervenção pedagógica para que o aluno aprenda da melhor forma; conjunto de reflexão contínua para o professor sobre sua prática educativa; instrumento que possibilite ao aluno tomar consciência de seus avanços, dificuldades e possibilidades; ação que ocorra durante todo o processo de ensino e aprendizagem e não apenas em momentos específicos, caracterizados como fechamento de grandes etapas do trabalho. Pressupõe-se que a avaliação se aplique não apenas ao aluno, considerando as expectativas de aprendizagem, mas às condições oferecidas para que isso ocorra. Avaliar a aprendizagem, portanto, implica avaliar o ensino – se, por exemplo, não há a aprendizagem esperada significa que o ensino não cumpriu como finalidade: a de fazer aprender.

Quadro 1- Ambiente Administrativo

AMBIENTE ADMINISTRATIVO			
DESCRIÇÃO	Comp.	Largura	Altura
Corredores de entrada	4,15	2,70	3,80
Sala de mecanografia	7,30	6,20	3,80
Corredores banheiro, bebedouro/ funcionários	6,00	3,70	3,80

Depósito de material de limpeza	3,60	2,20	3,80
Sala de professores	9,38	3,37	3,80
Corredores grandes	56,15	3,35	3,80
Gabinete dentário	5,30	3,10	3,80
Sanitários do Pessoal Administrativo	7,40	1,80	3,80
Corredores descobertos	9,38	2,00	3,80
Sala do coordenador de turno	6,00	3,65	3,80
Corredores / circulação (tesouraria)	11,70	1,70	3,80
Diretoria	6,00	4,00	3,80
Secretaria	6,90	6,00	3,80
Portaria	4,75	2,70	3,80
Sanitários de alunos – feminino	6,15	2,40	3,80
Sanitários de alunos – masculino	6,15	1,80	3,80
Cantina	5,85	4,00	3,80
Depósito para merenda	4,00	4,00	3,80
Sanitários para alunos – feminino	2,90	1,90	3,80
Sanitários para alunos - masculinos	2,90	1,90	3,80
Depósito de materiais diversos	4,00	4,00	3,80
Corredores de circulação / quadra	4,50	4,90	3,80
Corredores Hall	2,90	3,10	3,80
Laboratório de informática	9,38	8,15	3,80

Fonte: Patronato Madre Mazzarello, 2011.

Quadro 2 - Educação Física e Recreação

EDUCAÇÃO FÍSICA E RECREAÇÃO			
	Comprimento	Largura	Altura
Vestiário Masculino	4,00	3,00	3,80
Vestiário Feminino	4,00	3,00	3,80
Quadra de Esportes coberta	40,10	24,85	
Parque Infantil	40,10	16,65	

Fonte: Patronato Madre Mazzarello, 2011.

Quadro 3 - Ambiente Pedagógico

AMBIENTE PEDAGÓGICO			
Sala de Aula	6,90	6,15	3,80
Sala de Aula	9,00	6,15	3,80
Sala de Aula	9,00	6,15	3,80
Sala de Aula	9,00	6,15	3,80
Sala de Aula	9,00	6,15	3,80
Sala de Aula	6,75	6,00	3,80
Sala de Aula	9,40	7,00	3,80
Biblioteca	9,90	9,40	3,80
Sala de Aula	9,40	7,35	3,80
Sala de Aula	6,00	4,80	3,80
Sala de Aula	6,40	5,27	3,80
Sala de Aula	6,40	6,20	3,80
Sala de Aula	6,40	6,40	3,80
Laboratório de Informática	9,00	6,15	3,80

Fonte: Patronato Madre Mazzarello, 2011.

Na Escola Patronato Madre Mazzarello, trabalham 36 professores, ainda 01 Secretária Geral e 02 auxiliares de serviços gerais, exercendo funções administrativas. Conta ainda com 02 coordenadoras pedagógicas, que atende os alunos em seus horários de estudo.

O público alvo são crianças de 10 a 14 anos, pertencentes, em sua maioria, a famílias de classe média que moram nas proximidades.

1.2 Técnicas

São objetos específicos da psicopedagogia: *Anamnese*, Sessão Lúdica Centrada na Aprendizagem, Avaliação do nível pedagógico, Uso de provas e testes, Técnicas projetivas, Provas do diagnóstico operatório que permitem ao profissional investigar, levantar hipóteses provisórias que serão ou não confirmadas ao longo do processo recorrendo, para isso, a conhecimentos práticos e teóricos.

As técnicas utilizadas para o estudo do caso de V.G.S. foram: *Anamnese*, Entrevista com a aprendente, Entrevista com a Professora, Entrevista Operacional Centrada na Aprendizagem (EOCA), Técnicas Projetivas-psicopedagógicas; Observações no ambiente escolar, Avaliações Pedagógicas e Psicopedagógicas, Lúdico e Provas Operatórias de Piaget. Foi realizado o diagnóstico e encaminhamento psicopedagógico.

1.3 Procedimentos

O estudo do caso da V.G.S. foi desenvolvido na Escola Madre Mazarello por meio de 09 sessões no *setting*, que foram feitas numa sala oferecida pela escola para preparar as sessões psicopedagógicas, foi elaborado um cronograma de forma que não prejudicou V.G.S. em suas atividades escolares.

O estudo do caso foi realizado com V.G.S., iniciando com a pesquisa, o estudo e a elaboração do Estudo do caso.

Quadro 4 - Cronograma

DIAS DO MÊS	ATIVIDADES REALIZADAS
25/05/11	<i>Anamnese</i> (com a mãe)
27/05/11	Entrevista com a professora e a Entrevista com o paciente
01/06/11	Entrevista Operacional Centrada na Aprendizagem (EOCA) e técnicas projetivas
03/06/11	Técnicas projetivas e verificação do Realismo nominal
15/06/11	Observação do paciente em sala de aula, observação do paciente fora da sala de aula.
22/06/11	Provas pedagógicas: matemática e português, prova diagnóstica de leitura.
05/08/11	Provas operacionais
10/08	Provas operacionais

Fonte: Patronato Madre Mazzarello, 2011.

CAPÍTULO II - DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO

Rubinstein (1996) compara diagnóstico psicopedagógico a um processo de investigação, no qual o psicopedagogo se assemelha a um detetive a procura de pistas para solução de casos, selecionando-as e centrando-se na investigação de todo processo de aprendizagem, levando ele próprio, em conta a totalidade dos fatores envolvidos neste processo.

Afirma Rubinstein (1996) que o diagnóstico psicopedagógico é em si mesmo uma intervenção, pois o psicopedagogo tem que interagir com o cliente, a família, e a escola, partes envolvidas na dinâmica do problema de aprendizagem. Segundo Rubstein (1996, p.128) ilustra que "durante e após o processo diagnóstico serão construídos um conhecimento e uma compreensão a respeito do processo de aprendizagem". Isto permite que o psicopedagogo tenha maior clareza a respeito dos objetivos a serem alcançados no atendimento psicopedagógico.

2.1 Instrumentos utilizados

Os instrumentos utilizados para o estudo do caso de V.G.S. foram de suma importância para o levantamento de hipóteses sobre o estudo do caso em questão.

Os instrumentos utilizados para coleta de dados e levantamento de hipóteses foram a observação do aluno no contexto escolar, a aplicação de entrevistas e os questionários com a escola, a família e o aluno e, por fim, a aplicação dos testes psicopedagógicos e sessões lúdicas e/ ou outros procedimentos inerentes a avaliação psicopedagógica ao aluno.

2.1.1 Anamnese

“A *anamnese* é verificada com os pais para se saber de sua construção e as distorções havidas no percurso” (WEISS, 2003, p.106). A *anamnese* é uma das peças fundamentais deste quebra-cabeça que é o diagnóstico. Através dela serão reveladas informações do passado e presente do sujeito, juntamente com as variáveis existentes em seu meio. Observaremos a visão da família sobre a

história da criança, seus preconceitos, expectativas, afetos, conhecimentos e tudo aquilo que é depositado sobre o sujeito que servirá para levantar hipóteses sobre a possível etiologia do caso. Segundo Weiss:

A entrevista de anamnese como um dos pontos cruciais de um bom diagnóstico. É ela que possibilita a integração das dimensões de passado, presente e futuro do paciente, permitindo perceber a construção ou não de sua própria continuidade e das diferentes gerações, ou seja, é uma anamnese da família. A visão familiar da história de vida do paciente traz em seu bojo seus preconceitos, normas, expectativas, a circulação dos afetos e do conhecimento, além do peso das gerações anteriores que é depositado sobre o paciente. (2003,p.63).

No seguinte caso apresentado, foi realizada no dia 25 de maio de 2011. A *anamnese* (Anexo A) com a mãe de V.G.S., 10 anos e 11 meses, aluna da escola PMN/Aps, sendo que esta mãe não queixou-se de dificuldade de aprendizagem apresentada pela criança.

Os pais de V.G.S. têm o Ensino Médio completo, são divorciados o pai se casou novamente V.G.S. tem 1 irmão materno chamado Bruno, ela e os 2 mais novos são frutos do casamento Vítor e Geovana.

A mãe relatou que sua gravidez não foi planejada, porém correu tudo bem, o nascimento foi normal, foi amamentada pela mãe até 6 meses de idade, seu desenvolvimento foi normal, desde o nascimento V.G.S. fica aos cuidados da avó materna, a mãe sempre trabalhou fora.

A mãe conta, na entrevista, que se arrepende de ter tido quatro filhos e que hoje não teria nenhum. Ela os cria para serem independentes: “Eu preciso que os irmãos mais velhos ajudem os menores”.

Fica compreendido, por meio da *anamnese*, que V.G.S. é uma criança com problemas relacionados a afetividade pois é tímida e insegura e não existiu vínculo para proto-aprendizagem que representa as primeiras aprendizagens que acontecem nas relações afetivas da criança com sua mãe.

2.1.2 Entrevista com a aprendente

Essa entrevista foi importante, pois norteou os questionamentos a serem feitos a aprendente.

Na entrevista (Anexo B) realizada com a aprendente, fica claro a falta de vínculo com a turma que a expõe de forma constrangedora, aumentando o

sentimento de incapacidade e de insignificância perante as pessoas.

2.1.3 EOCA

Para Visca, a EOCA deverá ser um instrumento simples, porém rico em seus resultados. Consiste em solicitar ao sujeito que mostre ao entrevistador o que ele sabe fazer, o que lhe ensinaram a fazer e o que aprendeu a fazer, utilizando-se de materiais dispostos sobre a mesa, após a seguinte observação do entrevistador: "este material é para que você o use se precisar para mostrar-me o que te falei que queria saber de você" (VISCA, 1987, p. 72).

A Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA) é um instrumento inspirado na psicologia social de Pichon-Rivière, nos postulados da psicanálise e no método clínico da escola de Genebra foi idealizado por Jorge Visca e é um instrumento de uso simples que avalia em uma entrevista a aprendizagem. (BOSSA, 2000.p.44)

Ao iniciar a atividade (Anexo C) ofereci a V.G.S. uma caixa que continha os seguintes materiais: 1 borracha, 1 lápis, giz de cera de diversas cores, lápis de cor, régua, cola, durex, fita adesiva, tesoura, tinta guache, pincel, papéis coloridos, revistas para recorte e papel A4.

V.G.S. começou a EOCA e ao ver o material que seria utilizado demonstrou, por sua expressão, felicidade. Percebi que estava sempre me olhando, durante todo o tempo da sessão.

Deu início a atividade desenhando com régua de formas, pegou o lápis de cor verde; ao mesmo tempo em que estava medindo a folha horizontalmente, fez uma linha reta utilizando a régua; em seguida fez a flor e a borboleta, utilizando a régua de formas; depois usou tinta para colorir o sol e as nuvens, pintou três gaivotas; pegou uma revista de moda, recortou duas figuras femininas: Tottia Meirelles e Kelly ki, colando-as à folha, relatou-me ser a figura encolhida ao canto da folha - Tottia Meirelles- sonhando em ser como a mãe que retratou sendo a figura de Kelly ki. Pedi-a V.G.S. que desse um título ao desenho: nomeou de "O mundo sem poluição".

Logo pedi que nomeasse as figuras do desenho. A paciente começou pela figura feminina representada por Tottia Meirelles, mostrando-me "Essa pensando sou eu e a minha mãe é a Kelly Ki", o sol, ela nomeou por Giovana, a irmã caçula, e deu nome a uma das nuvens de Vítor Gabriel, que, segundo me relatou, é um colega

de que ela gosta. No primeiro desenho ela está encolhida, totalmente submissa à mãe, mostra-se depressiva ao utilizar simetria.

No segundo desenho, utilizou apenas lápis, giz de cera e tinta. Foi mais espontâneo, ela ficou mais relaxada deu a impressão de que eu não estava presente. Pintou um mar com oito peixes e duas nuvens em precipitação. Após o término do desenho, pedi um título para o mesmo. A paciente o chamou de “Um dia chuvoso”. Então perguntei-lhe, você gosta da chuva? V.G.S., de pronto, respondeu: “O dia frio e úmido me agrada”. Em seguida, pedi que nomeasse os peixes, ela deu a seguinte sequência: Giovana, Vítor, Vítor Gabriel, pai, mãe, avó, Bruno e tio. Perguntei onde ela estava, já que a chuva a agradava? Ela trocou o último peixe (tio) por ela. Perguntei-lhe novamente; porque é a última? Respondeu-me, pois eu que desenhei.

Percebe-se no segundo desenho sua tristeza, ao fazer as nuvens precipitando, era como se ela própria estivesse chorando muito, sentindo-se sozinha.

Para a psicopedagogia o afeto é algo necessário na formação de pessoas felizes, éticas, seguras e capazes de conviver com o mundo que a cerca.

2.1.4. Técnicas Projetivas

Os testes projetivos são instrumentos utilizados com a finalidade de proporcionar um meio concreto para que as crianças projetem conteúdos que estão presentes em seu inconsciente. Com objetivo de identificar a modalidade de aprendizagem do paciente.

A utilização dos testes projetivos não dá conta de identificar a modalidade de aprendizagem ou os problemas que impeçam que aquela aconteça, mas ajuda no levantamento de hipóteses que unidas aos outros conjuntos de hipóteses formados ao longo do processo avaliativo, poderão esclarecer as dificuldades apresentadas pelo paciente. “Nos testes projetivos estarão sendo analisado não o produto final, mas também o processo, a maneira como aconteceram esta produção”. (ANDRADE, 1998, p.77).

1 Pareja Educativa

O Teste Pareja Educativa, como modalidade de exploração diagnóstica do vínculo professor- aluno, constitui um instrumento útil para a obtenção das projeções da criança sobre ela própria e o professor. Nele a criança se expressa através do desenho, sentimentos pensamentos e reações com relação ao mundo que a rodeia.

Segundo Pain (1985), “Todo pensamento, todo comportamento humano, remete-nos à sua estruturação inconsciente, como produção inteligente e, simultaneamente, como produção simbólica”

Pedi a V.G.S. que desenhasse duas pessoas (Anexo D), demonstrando no desenho aquela que ensinava e aquela que aprendia. Entreguei a ela um porta-lápis, que continha um lápis com ponta, uma borracha, uma régua e um apontador, também uma folha de papel A4. AV.G.S. realizou o desenho de forma tranquila. Pegou o lápis corretamente, realizando um trabalho em cerca de 20 minutos entre a hora que iniciou até o término deste desenho.

Perguntei a V.G.S. se ela e a ensinante se dão bem, respondeu-me: “Sim, eu gosto dela”.

Percebe-se, por meio da atividade de V.G.S., não ter referência da professora que ensina, em seu desenho (Anexo D) mostra distância entre o aprendiz e o ensinante, fica claro a falta de vínculo com a professora.

A técnica Pareja Educativa, segundo Fernández (2001), “tem como objetivo investigar o vínculo afetivo dos alunos com os objetos de aprendizagem, com a pessoa que ensina e com a aprendizagem em si”.

Assim, investiga o vínculo que os alunos possuem com a aprendizagem e consiste em solicitar aos alunos que desenhem duas pessoas: uma que ensina e outra que aprende. Ao terminar o desenho, que eles indiquem um título para o desenho e façam um relato do que está acontecendo. Dessa maneira, pode-se investigar a relação dos alunos com os objetos de aprendizagem, a relação com quem ensina e a própria relação dos alunos com a aprendizagem.

2 Os quatro momentos da Criança

Tem como objetivo investigar as relações afetivas e sociais, em seus significados e nas representações de tempo e espaço.

É relevante o desenho do dia a dia, considerando que a criança expressa por meio dele seus pensamentos e anseios.

Sobre as provas projetivas Weiss observa que: material ou situação reflete os aspectos fundamentais do seu conhecimento como procurar, evitar, distorcer, omitir, esquecer algo que lhe é apresentado. Podem-se detectar, assim, obstáculos afetivos existentes nesse processo de aprendizagem de nível geral e especificamente escolar (WEISS, 2003, p. 117)

Pedi a V.G.S. que desenhasse quatro momentos do seu dia (Anexo E), considerando a hora em que levanta como início do dia e a hora que deita como final do dia. Esta atividade (Anexo E) foi realizada no dia 27 de maio.

No 1º Momento, V.G.S. desenhou uma rua reta, onde V.G.S. segue com outra pessoa. Perguntei-lhe quem a acompanhava? Ela respondeu: “Todos os dias meu irmão, Bruno, me deixa na escola depois vai pra dele”. No desenho em anexo deixa claro que V.G.S. é uma criança submissa.

O 2º Momento ilustra o oratório, em que acontecem as atividades matutinas.

No 3º Momento, retrata a sala de aula em fila, ficando nítido o método de ensino tradicional.

O 4º Momento, desenhou uma mesa onde ela e eu conversávamos.

No entanto percebe-se que V.G.S. apresenta sequência de fatos, demonstrando noção de tempo com relação a sua rotina, o que faz pela manhã, a caminho da escola até o final da tarde que são nossos encontros no *setting* terapêutico.

3 A planta da casa

O objetivo desse teste foi de pesquisar a representação do “campo geográfico” (o material) e o “campo psicológico” (relações afetivas) do lar.

Ofereci a V.G.S. um lápis e folhas de papel A4 e pedi-lhe que desenhasse como é sua casa por dentro e por fora (Anexo F). Após o desenho pronto, pedi que mostrasse onde cada familiar dormia, onde era seu quarto e onde costumava fazer

seus deveres escolares em casa.

Percebe-se que sua casa representa uma repartição administrativa, não há vínculos familiares, a casa sem a linha do solo implica na casa voadora, sem harmonia, falta calor humano.

4 Desenho da família

É uma técnica que permite a projeção da personalidade global, consciente e inconsciente, e por outro lado é bastante estruturada para permitir a análise da personalidade por comparação com resultados experimentais fornecidos pelo sujeito.

Piaget (1986, p.5) reforça a importância dos estudos de Luquet (1927), em que pretende traçar uma evolução do desenho infantil e sua interpretação, e assim define:

O desenho é uma forma de função semiótica que se inscreve a meio caminho entre o jogo simbólico, cujo mesmo prazer funcional e cuja mesma autoria apresenta, e a imagem mental, com a qual partilha o esforço de imitação do real (PIAGET, 1986)

V.G.S. desenhou sua família em figuras palito (Anexo G), chamando atenção para o fato de a autora não aparecer no desenho. Retrata sua insignificância no mundo real quando V.G.S. se exclui da família, ainda é mostrada imaturidade quando desenha a família em figuras palito.

5 Dia dos Meus Compleânios

Vivenciar Psicopedagogia é um estado de ser e estar sempre em formação, projeção e em processo de permanente criação. Criação de sentidos para nossa própria trajetória enquanto aprendentes e ensinantes, enquanto seres viventes na complexa gama de relações que estabelecemos com o nosso tempo e espaço humano (BEUCLAIR, 2004,p.38).

O mesmo autor afirma que

“Todas as nossas ações e produções, por serem humanas, estão sempre em processo de permanente abertura, colocadas num prisma próprio para novas interpretações e busca de sentidos e estão situadas num movimento incessante de desconstrução e de re-construção” (BEUCLAIR, 2004,p.38)

Dito isso de outra forma, posso afirmar que, no nosso tempo de reconfiguração paradigmática, os conceitos estão constantemente sendo revistos e ganhando novos significados. Com a Psicopedagogia, não podia ser diferente, visto que o pensar reflexivo sobre esta área do conhecimento se constitui em uma das importantes tarefas a ser desempenhada por quem a tem como campo de ação, profissionalidade, dedicação e estudo.

Ao iniciar o teste dos “Meus Compleânios” (Anexo H), solicitei a V.G.S. que fizesse um desenho sobre o dia do seu aniversário.

Fez o desenho de uma menina e uma mesa com bolo e brigadeiros, olhou para mim dizendo que o desenho estava pronto.

Perguntei-lhe se essa era a festa de aniversário e, balançando a cabeça respondeu-me que sim. Então, questionei-lhe: onde estaria os convidados? quando ela, com um ar de espanto, sorriu, respondendo-me que o oratório espaço onde acontecem as atividades matutinas estava cheio de gente, que todo mês é comemorado os aniversariantes do mês.

Percebe-se que V.G.S. se sente sozinha, existe a falta do vínculo família e amigos. A figura palito é o desenho da imaturidade, aquela está gritando: “Preciso de amor, não quero crescer”.

2.1.5 Entrevista com o Professor

De acordo com Weiss (1992, p.18) a atuação Psicopedagógica busca a melhoria das relações com a aprendizagem, assim como a melhor qualidade na construção da própria aprendizagem de alunos e educadores.

Portanto, ressalto a importância do contato entre Psicopedagogo e Professor, uma vez que este tem um contato diário com o aluno e poderá dar informações que possam ajudar no tratamento.

No dia 26 de maio do corrente ano, realizei uma entrevista (Anexo I) com a professora de V.G.S., a fim de compreender o relacionamento desta criança na escola.

Segundo a professora, V.G.S. apresenta dificuldades de aprendizagem, quanto ao raciocínio lógico. Ressaltou ainda que V.G.S. não consegue absorver os conteúdos.

Não existe, por parte de V.G.S. reações de agressividade com os

colegas, quando contrariada, fica emburrada e as vezes chora. A professora destacou que percebe a auto-estima da mesma rebaixada, especialmente pela maneira como age diante de situações em que é questionada. Chama a si mesma de burra ou responde que não sabe automaticamente. Por meio da entrevista pude observar que a professora tem também grande preocupação com a aprendizagem de V.G.S., dispondo-se a contribuir para que este problema seja solucionado, o que torna o trabalho psicopedagógico facilitado.

Para tanto, juntamente com toda a Equipe Escolar, o Psicopedagogo estará mobilizado na construção de um espaço concreto de ensino-aprendizagem, que será orientado pela visão de processo, através do qual todos os participantes se articulam e mobilizam na identificação dos pontos principais a serem intensificados e hierarquizados, para que não haja ruptura da ação, e sim continuidade crítica que impulse a todos em direção ao saber que definem e lutam por alcançar. (BOSSA, 2000,p.131)

2.1.6 Verificação da Superação ou não do Realismo Nominal

As pesquisas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky sobre a psicogênese da língua escrita demonstram como se constrói, em três níveis evolutivos, a compreensão do sistema alfabético de representação da língua, permitindo definir atividades e intervenções pedagógicas que favoreça a compreensão da escrita e a superação das dificuldades desta aprendizagem.

No caso de V.G.S., durante a realização da verificação da superação ou não do Realismo Nominal (Anexo J) mostrou-se dentro de sua realidade de 10 anos. Quando pedi que falasse uma palavra grande, ela disse: “Amor”, pois traz felicidade às pessoas. O mesmo ocorreu quando foi pedido a ela uma palavra pequena, ela respondeu: “Tristeza”. Na sua realidade, tristeza traz desânimo, não fugindo, assim, do contexto da Superação do Realismo.

Então, percebe-se que V.G.S. supera o Realismo Nominal, compreende letras, sílabas, tamanho relacionado a palavras, vacilando um pouco quando se fala da mesma semântica, como é o caso do dedo e pé, que ela viu pelo lado simbólico, mostrando, certa imaturidade. Portanto fica claro que no dia do teste ela desabafou, colocando em forma de palavras seus medos e anseios. Percebi que V.G.S. é uma criança carente.

2.1.7 Observação em sala de aula

A sala de aula, enquanto contexto de ensino, pode configurar-se como local apropriado para a observação das relações professor-aluno, bem como das demais variáveis que interferem no processo ensino-aprendizagem.

O trabalho na instituição escolar apresenta duas naturezas: o primeiro diz respeito a uma psicopedagogia voltada para o grupo de alunos que apresentam dificuldades na escola. E o objetivo é reintegrar e readaptar este aluno à situação de sala de aula, possibilitando o respeito às necessidades e ritmos de cada aluno. E tem como meta desenvolver as funções cognitivas integradas ao afetivo, desbloqueando e canalizando o aluno gradualmente para a aprendizagem dos conceitos conforme os objetivos da aprendizagem formal. O segundo refere-se à assessoria junto a pedagogos, orientadores e professores. Tem como objetivo trabalhar as questões pertinentes às relações vinculares professor-aluno e redefinir os procedimentos pedagógicos, integrando o afetivo e o cognitivo, através da aprendizagem dos conceitos e as diferentes áreas do conhecimento.

Observei, na sala de aula, que V.G.S. senta-se na terceira carteira, fica atenta durante a explicação, porém não faz perguntas e a professora dirige-se a todos os alunos incluindo V.G.S., dizendo as atividades que deveriam ser feitas.

A aluna abre o caderno, folheia-o vagarosamente, pega o lápis e começa a fazer a atividade proposta, sem muita vontade.

Durante a observação em sala de aula, percebe-se que V.G.S. se distrai com facilidade, apesar de eu ter sentado na última carteira, sempre me olhava com curiosidade. A professora se dirigiu à aluna, perguntando-a se ela tinha alguma dúvida, ela apenas balançou a cabeça negativamente, e tornou a olhar-me.

2.1.8 Observando a aluna fora da sala de aula

O brinquedo caracteriza-se, ainda, pela presença do outro. Brincar é estar junto com o outro. É sentir o gesto, o olhar, o calor do companheiro. O brinquedo aproxima as pessoas, torna-as amigas, porque brincar significa sentir-se feliz.

Winnicott (1975,p.63), estudioso do crescimento e desenvolvimento infantil, considera que:

(...) o ato de brincar é mais que a simples satisfação de desejos. O brincar é o fazer em si, um fazer que requer tempo e espaço próprio, um fazer que se constitui de experiências culturais, que é universal e próprio da saúde, porque facilita o crescimento, conduz aos relacionamentos grupais, podendo ser uma forma de comunicação consigo mesmo (a criança) e com os outros (...).

Observando V.G.S. no recreio, na fila do lanche, percebi que pegou sua merenda e foi lanche em um canto com duas colegas. Dirigiu-se à quadra onde estavam outras meninas. Percebi que V.G.S. conversou e brincou naturalmente, não apresentando dificuldade de relacionamento com crianças de outra sala, demonstrando-se feliz ao brincar.

2.1.9 Avaliações pedagógicas: Avaliação do ditado/escrita

Durante a avaliação do ditado presente na avaliação de português (Anexo K) V.G.S. trabalhou corretamente com o lápis, sem forçar a escrita. Ao escrever o que lhe era ditado, percebi que tinha a direção gráfica correta (da esquerda para a direita e de cima para baixo). Também pude observar que a aluna apresentava letra legível. Percebe-se que ela tem uma boa orientação espacial no papel.

Durante a escrita do texto: “O meu passeio”, (anexo K), V.G.S. apresentou troca de letras, inversão, omissão, aglutinação, acréscimo e confusão de letras que apresentam formas parecidas, bem como substituição de palavras por outras, demonstrando, assim, um nível de escrita silábico-alfabético com valor sonoro transitando para o alfabético.

De acordo com Fernández

Muito mais importante que os conteúdos pensados é o espaço que possibilita fazer pensável um determinado conteúdo. É nesse espaço, onde nada é exclusivo - os conteúdos aprendidos ou não-aprendidos, os condicionantes orgânicos, as operações cognitivas, os determinantes inconscientes - e tudo se articula em uma escuta entre - que os idiomas de cada um serão expressos como possibilidade (FERNÁNDEZ, 1991, p.116).

2.1.10 Avaliação da leitura

O ato de ler compreende desde a decodificação dos símbolos gráficos até a análise reflexiva de seu conteúdo, portanto, para que

possamos avaliar a leitura é necessário oferecermos textos pequenos mas completos cujo tema desperte a atenção e o interesse do indivíduo sob teste.

A compreensão da leitura requer capacidades cognitivas, como a elaboração de inferências, e linguísticas, como conhecimento do vocabulário, da sintaxe, entre outras (BRAIBANT, 1997).

V.G.S. mostrou-se interessada ao ver o texto. Percebe-se em V.G.S. o desejo para leitura como se tivesse afinidade com esta. Ao avaliar V.G.S., percebi que sua adicção é boa, lê sem dificuldade, obedecendo as pontuações. Ao terminar a leitura, perguntei-lhe sobre o que havia lido, V.G.S. respondeu que tinha compreendido parte da leitura. Percebe-se que V.G.S. têm dificuldade em interpretar o texto , porém sua leitura é clara.

Segundo Ferreiro (1993) para aprender a ler e a escrever, a criança precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem.

2.1.11 Prova de Matemática

A Matemática tem grande importância no processo educacional, visto que desde as primeiras séries, o aluno se depara com situações problemas, que vão sendo solucionadas durante a vida. Segundo Bossa (1994)

O ensino da matemática é uma necessidade impreterível em uma sociedade cada vez mais complexa e tecnicista, na qual é difícil encontrar espaços nos quais essa disciplina não tenha interferido; na atualidade a maioria das ciências inclusive as ciências humanas e sociais, como a psicologia, a sociologia ou a economia, tem cada vez mais, um caráter matemático. As análises estatísticas e cálculos de probabilidades são elementos essenciais para tomar decisões políticas, sociais ou econômicas e, inclusive, pessoais; usa-se a matemática no esporte, na distribuição de postos de trabalho.

Percebe-se que a aprendente apresenta dificuldade de interpretação e resolução de cálculos (Anexo L).

2.1.12 Provas Operacionais de Piaget

O pensamento da criança entre dois e sete anos está dominado pela representação imagística de caráter simbólico. Proveniente da interiorização da imitação, a representação simbólica possui o caráter estático da imitação. Por volta de sete anos, a criança adquire a reversibilidade lógica que lhe dá mobilidade ao pensamento e lhe permite uma descentração mais rápida.

A atividade cognitiva da criança se torna operatória a partir do momento em que adquire uma mobilidade tal que uma ação efetiva do sujeito (classificar, seriar, etc.) ou uma transformação percebida no mundo físico (bola de massa que se transforma em salsicha) pode ser anulada em pensamento por uma ação orientada em sentido inverso ou compensada por uma ação recíproca.

Por volta de sete anos, constitui-se uma série de sistemas de conjunto que transformam as intuições em operações de todas as espécies. As ações das crianças se tornam operatórias, as crianças se tornam capazes de ações executáveis e reversíveis em pensamento.

A noção de operação se aplica à realidades diversas: operações lógicas (sistema de conceitos e de classes) ou de relações; operações aritméticas (adição, multiplicação, etc.) e seus inversos; operações geométricas (seções, deslocamentos, etc.); temporais (seriação dos acontecimentos); mecânicas, físicas, etc. Uma operação se torna operatória logo que duas ações do mesmo gênero possam compor uma terceira, que pertença ainda a este gênero, e desde que estas diversas ações possam ser invertidas. Assim, a adição, que é a ação de reunir, é uma operação, porque várias reuniões sucessivas equivalem a uma só reunião e as reuniões podem ser invertidas em dissociações (subtração).

A construção de estruturas operatórias, conceitos e relações, permite à criança tomar consciência dos conceitos, designá-los através de palavras e, desta forma, verbalizar o pensamento.

Trocas sociais através da linguagem favorecem a interação com o outro, permitindo a diminuição progressiva do egocentrismo e a socialização do próprio pensamento.

Segundo Piaget:

Do ponto de vista das relações interindividuais, a criança, depois dos sete anos, sente-se capaz de cooperar, porque não confunde mais seu próprio com o dos outros, dissociando-os mesmo para coordená-los. Isto é visível na linguagem entre crianças. As discussões tornam-se possíveis, porque comportam compreensão a respeito dos pontos de vista do adversário e procura de justificações ou provas para a afirmação própria. As explicações mútuas entre crianças se desenvolvem no plano do pensamento e não somente no da ação material. A linguagem “egocêntrica” desaparece quase totalmente e os propósitos espontâneos da criança testemunham, pela própria estrutura gramatical, a necessidade de conexão entre as idéias e de justificação lógica. (PIAGET, 1987, p. 43).

Com V.G.S. foram aplicadas os seguintes testes:

1 Prova de Conservação de pequenos conjuntos discretos de elementos

Ao aplicar o teste (Anexo M) foram utilizadas vinte fichas de cartolina do mesmo formato e tamanho, sendo 10 (dez) vermelhas e 10 (dez) azuis.

V.G.S. apresentou condutas conservativas – nível 3, com resposta conservativa de identidade: “Tem a mesma coisa, você só afastou as fichas, não mudou a quantidade.

2 Conservação das quantidades de líquidos (transvasamento)

Foram utilizados dois vidros iguais (A, A1) de diâmetro de aproximadamente 5 cm e altura de 8 cm; um vidro mais estreito e mais alto (vidro E), um vidro mais largo e mais baixo (vidro L), quatro vidrinhos iguais correspondentes a aproximadamente $\frac{1}{4}$ do volume de A(P1, P2, P3, P4,), ver a prova em anexo N.

Nota-se, então, que V.G.S. observou somente o resultado final que é a água nos vidros (A, A1, E, L, P1, P2, P3, P4,) desprezando, assim, a transformação observada, ou seja, o derramar da água. Com a contra-argumentação demonstrou alternância no julgamento, porém este era sucinto. Somente com o relatório empírico se pode perceber corretamente o transvasamento, apresentando, conduta intermediária, nível dois, com julgamento oscilante entre conservação e não conservação.

3. Conservação da quantidade de matéria (quantidade contínua)

Foram utilizadas duas bolas de massa plástica de cores diferentes (Anexo O).

Diante da conduta de V.G.S., percebe-se que em cada transformação, uma das duas quantidades era julgada maior e a outra menor, julgando, alternadamente, as quantidades como iguais e diferentes.

Perante as contra-argumentações, nota-se que ela oscilou e houve alternância de julgamento de conservação e de não-conservação. Suas justificativas eram pouco explícitas e sempre incompletas, apresentando, um nível pré-operacional.

4 Conservação do comprimento

Foram utilizados dois fios flexíveis (barbante) de comprimentos diferentes (Anexo P)

Observa-se que V.G.S. apresentou mais facilidade em compreender a conservação de matéria, mostrando julgamento correto em todas as transformações. Nesse caso, a criança apresenta um nível operatório para a conservação de comprimento.

5 Conservação de peso

Foram utilizadas duas bolas de massa plástica de cores diferentes e uma balança com dois pratos (Anexo Q).

Diante da conduta de V.G.S., percebe-se que em cada transformação, um dos pesos era julgado mais pesado que o outro, alternadamente os pesos eram julgados como iguais e outro momento julgado como diferentes.

Perante as contra-argumentações, nota-se que ela oscilou e houve alternância de julgamento de conservação e de não-conservação. Suas justificativas eram pouco explícitas e sempre incompletas, apresentando, um nível pré-operacional.

6 Conservação do volume

Foram utilizados dois vidrinhos iguais com água até o mesmo nível (2/4), duas bolas de massa plástica de mesmo tamanho e peso (Anexo R).

Com a segunda e terceira transformações, V.G.S. mostrou-se invencível em sua afirmação, pois, segundo ela, a bola aumentaria mais a água do que a pizza e as bolinhas fragmentadas.

Verificando as respostas de V.G.S. (10 anos e 11 meses), percebi que ainda se encontra com condutas não-conservativas para volume, apresentando, um estágio de nível 1.

Análise das provas operatórias

Conclui-se que ela ainda permanece no período intuitivo, ou seja, pré-operacional, sendo que, algumas vezes observa-se uma transição para o operatório concreto.

Ressalta-se que V.G.S., com 10 anos, deveria estar no período operatório concreto, já consolidando as conservações, substâncias, volume e peso.

Segundo as conclusões de Piaget,

A conservação de volume é a noção alcançada quando a criança compreende que alterações de forma, posição, diferenças de peso, não estão necessariamente associadas às variações de volume. Essa noção é, geralmente, alcançada por volta 9-10 anos, mais tardiamente do que a conservação de quantidade e peso (PIAGET apud GOULART, 1996, p.82)

CAPÍTULO III: RESULTADOS FINAIS E DISCUSSÃO

Após aplicar os testes; *Anamnese*, EOCA, Pareja, 4 Momentos, Meus Compleânios, Entrevista com a Professora, Provas Pedagógicas e Psicopedagógicas, percebe-se que realmente a criança apresenta dificuldade de aprendizado.

Quando o sujeito renuncia a sua história ou é impedido de ser autor dela, a primeira consequência desse impedimento manifesta-se no enrijecimento de sua modalidade de aprendizagem. Ele não apenas deixa de transformar o mundo, mas abandona a tarefa humana de transformar a si mesmo. (FERNANDEZ, 2001)

Em suma, análise diagnóstica evidencia obstáculos que diz respeito à falta de conhecimentos de determinados conteúdos, não permitindo a V.G.S. novas elaborações do saber. E revela obstáculos relacionados a vinculação afetiva (família) que se estabelece com situações de aprendizagem, podendo se apresentar de diferentes formas e múltiplas motivações.

V.G.S. apresenta obstáculos de aprendizagem epistêmicos, pois tem limitações do conhecimento e epistemofílico quanto ao medo, inseguranças, impedindo-a de aprender. Mesmo tendo limitações, V.G.S. possui esquema de pensamento para a aprendizagem, mas o utiliza parcialmente por falta de vínculo. V.G.S. apresenta uma modalidade de aprendizagem em desequilíbrio quanto aos movimentos de assimilação e acomodação, apenas os utiliza quando deseja, sintomatizando uma hipoassimilação: Em que ocorre uma assimilação pobre, o que resulta na pobreza no contato com o objeto, de modo a não transformá-lo, não assimilá-lo de todo, apenas acomodá-lo. V.G.S. demonstra quando precisa sempre ressignificar suas histórias, vivências; às vezes, quando apresenta desânimo ao fazer os deveres.

Quando a acomodação predomina, o sujeito não empresta sentido subjetivo aos objetos, antes, resigna-se sem criticidade. O sistema educativo pode produzir sujeito muito acomodativos se a reprodução dos padrões for mais valorizada que o desenvolvimento da autonomia e da criatividade.

V.G.S. também sintomatiza a hiper acomodação, nota-se que a aprendente sempre repete o que sua professora faz, cumpri sempre as

regras sem questioná-las e demonstra necessidade de sempre ter a professora ao seu lado para resolução e finalização de suas tarefas.

A liberação da inteligência aprisionada só poderá dar-se através do encontro com o prazer de aprender que foi perdido. Por tal razão, acreditamos que nossa principal tarefa na relação com os pacientes (aos quais denomino "aprendensinantes") é "ajudá-los a recuperar o prazer de aprender" e, de igual modo, pretendemos, para nós mesmos, recuperar o prazer de trabalhar aprendendo e de aprender trabalhando (FERNANDEZ, 2001)

3.1 Informe Psicopedagógico – devolução

1 Dados pessoais

Aprendente: V.G.S.

Data de Nascimento: 01/06/2001

Idade: 10 anos e 11 meses

Escola: EPMM

Ano: 5º ano

2 Motivo do encaminhamento

- Queixa da escola (professora e/ou serviços):

A professora relatou que V.G.S. é muito desatenta (distrai-se com qualquer estímulo externo); apresenta grande dificuldade no aprendizado. Na Matemática, a queixa foi maior, não apresentando raciocínio aritmético, tem dificuldades em associar, classificar, executar operações e cálculos mentais. Apresenta grande dificuldade para assimilar a matéria.

- Queixa da família:

A mãe relatou que V.G.S. é muito preguiçosa para fazer as atividades domésticas, no entanto, na escola disse que V.G.S. apresenta dificuldade como qualquer criança e que é apenas desatenta e acomodada.

3 Tempo de investigação

- Período de Avaliação:

25/05/11 a 10/08/2011

- Número de Sessões:
09 sessões.

4 Instrumentos usados:

Os instrumentos utilizados para a análise.

- Anamnese
- Observação na sala de aula/ fora da sala
- Entrevista com a criança
- EOCA
- Técnicas projetivas
- Entrevista com a Professora
- Provas Pedagógicas (Escrita/ ditado/ leitura/ diagnóstico de leitura e matemática)
- Provas Operacionais de Piaget

5 Análise dos resultados nos aspectos:

- Aspecto afetivo/emocional:

Pode-se notar nos testes projetivos que a personalidade de V.G.S. se caracteriza por sentimentos de carência afetiva, baixa auto-estima, sentimento de inferioridade e de rejeição. Um vínculo afetivo familiar em desequilíbrio.

- Aspecto social/cultural:

Demonstrou estar em conflito em relação à educação familiar, a mãe é rígida enquanto o pai é mais liberal, parece não receber incentivos, sente-se rejeitada e não amado.

Vale ressaltar que as dificuldades diárias enfrentadas como baixa auto-estima provêm também da instabilidade familiar, agravando assim, seu aprendizado e seu relacionamento.

- Aspecto Corporal:

Nota-se que V.G.S., apresenta equilíbrio corporal, uma adequação motora à etapa de sua evolução, tem facilidade de manejo e preensão dos objetos (tesoura, jogos de encaixe, colagem) seus objetos não caem com muita frequência, não acalca o lápis na folha. Enfim, V.G.S. apresentou uma motricidade independente.

- Cognitivo Pedagógico:

A criança tem 10 anos, está no 5º ano e sua leitura é clara; porém tem dificuldade em interpretar; na matemática seu nível está abaixo da sua faixa etária, apresenta dificuldade em adição e subtração.

Seu nível de cognição está abaixo do esperado da realidade dentro dos Parâmetros Curriculares ditados pela LDB.

De acordo com os Parâmetros Curriculares, no 5º ano; como em todos os outros anos, há um conteúdo dado em sala de aula, avaliações com exigências de notas segundo o regimento interno escolar e V.G.S. apresenta nível de cognição, ou seja, de conhecimento inferior ao ano em curso.

V.G.S encontra-se nas seguintes modalidades de aprendizagem hipoassimilação/hiperacomodação, que para Fernández são aqueles alunos “bonzinhos”, que não colocam significados; fazem imitação estereotipada. Modalidade dominante na escola.

6 Síntese dos resultados – hipótese diagnóstica

A 1ª hipótese diagnosticada foi de caráter afetivo/emocional.

A 2ª hipótese diagnosticada foi de caráter afetivo/emocional.

A 3ª hipótese diagnosticada foi de caráter cognitivo.

No todo, ela é uma criança que apresenta obstáculos epistemofílico e epistêmico com processos de assimilação e acomodação prejudicados sintomatizando uma modalidade de aprendizagem hipoassimilativa que apresenta pobreza de contato com o objeto, dificuldade na internalização das imagens e hiperacomodativa com pobreza de contato com a subjetividade, superestimulação da imitação, falta de iniciativa, obediência acrítica às normas, submissão.

7 Recomendações e indicações

- Continuar com o atendimento psicopedagógico;
- Atendimento psicológico para a criança e a família;
- Acompanhamento por uma Assistente Social para a família.

CONCLUSÃO

A análise dos dados obtidos durante o estudo do caso realizado revelou que V.G.S. apresenta um baixo impulso epistemofílico para o conhecimento que consiste em um impedimento ao amor pelo conhecimento.

Porém, significa que possui esquema de pensamento para a aprendizagem, mas o utiliza parcialmente por falta de vínculo. Um dos principais fatores responsáveis pela deficiência e insatisfação no desenvolvimento escolar e social das crianças é a desestrutura no ambiente familiar, pois se o mesmo não possuir estrutura favorável para proporcionar uma educação eficiente, provavelmente, as crianças desenvolverão dificuldades no aprendizado. Ainda que alguns alunos tenham a capacidade de contornar tais problemas e desempenharem uma vida escolar e social exemplar, esses alunos fazem parte de uma pequena parcela em relação à quantidade total de alunos. Na família, há o reconhecimento do papel dos pais, irmãos e outras pessoas que convivem com a criança ou adolescente e sua contribuição para o seu desenvolvimento. Na escola, destacam-se os professores, uma vez que estes se envolvem cotidianamente em atividades programadas e realizam intervenções importantes que afetam o processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, a participação da família é fundamental no processo educacional dos filhos, uma vez que a educação, para ser integral precisa ser conduzida por essas duas instituições sociais essenciais ao desenvolvimento da criança família e escola.

Percebe-se que V.G.S. não cria algo novo, apenas recria a partir de algo assimilado. Utilizando a assimilação e a acomodação, apenas quando deseja.

Percebe-se que o funcionamento de sua estrutura cognitiva está dicotomizado apresentando a hipoassimilação e hiperacomodação, o que provoca a não integração dos conhecimentos. Nota-se que seu conhecimento é incompatível com suas necessidades. Demonstra uma baixa estima a Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem, revela que V.G.S. apresenta problemas quanto a sua identidade e relações vinculares também apresentando uma hipótese de caráter emocional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. S. de. **Psicopedagogia Clínica: Manual de Aplicação Prática para Diagnóstico de Distúrbio de Aprendizado.** Ed. Póllus Editorial. São Paulo:1998.

BEAUCLAIR, J. **Psicopedagogia: trabalhando competências, criando habilidades.** Rio de Janeiro: 2004, Editora WAK.

BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** 2 ed. Ver. E atualizada. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Dificuldades de Aprendizagem: O que são? Como Tratá-las?**Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

BRAIBANT, J. (1997). A decodificação e a compreensão: Dois componentes essenciais da leitura no 2º ano primário. In: GRÉGOIRE& PIÉRART (Orgs.), **Avaliação dos problemas de leitura: Os novos modelos teóricos e suas implicações diagnósticas** (pp. 167-187). Porto Alegre: Artes Médicas.

FERREIRO,E. **Com Todas as Letras.** Cortez , São Paulo, 4ª edição 1993

FERNÁNDEZ, A. **A Inteligência Aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família.** Trad. Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

_____. **O saber em jogo.** Porto Alegre: Artmed,2001.

PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** Porto Alegre, Artes Médica, 1985.

PIAGET, J. **Experiências básicas para utilização pelo professor.** In: Iris Barbosa Goulart. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

_____. **A Linguagem e o pensamento na criança.** São Paulo: Martins Fontes, 1986.

_____. **O Nascimento da Inteligência na Criança.** Tradução Álvaro Cabral. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1966/1987.

RUBINSTEIN, E. A Intervenção Psicopedagógica Clínica, In SCOZ at ali, **Psicopedagogia: Contextualização, Formação e Atuação Profissional,** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

_____ A Especificidade do diagnóstico Psicopedagógico. In: **Atuação Psicopedagógica e Aprendizagem Escolar**. Petrópolis: Vozes, 1996

VISCA, J. **Clínica Psicopedagógica**: Epistemologia Convergente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

WEISS, M.L. L. **Psicopedagogia Clínica**: Uma visão diagnóstica. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

_____ **Psicopedagogia Clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ANEXOS

ANEXO A – Entrevista de Anamnese

1.dados da criança:

Nome:

Idade:

Local e data de nascimento:

Residência: Própria() Alugada()

2.dados dos familiares:

Nome do pai:

Grau de instrução:

Profissão:

Idade: Naturalidade:

Nome da Mãe:

Grau de instrução:

Profissão:

Idade: Naturalidade:

*OUTROS FILHOS:

Nome:

Idade: Escolaridade:

Nome:

Idade: Escolaridade:

Nome:

Idade: Escolaridade:

3.QUEIXA INICIAL:

Você acha que o paciente apresenta alguma dificuldade para aprender na escola

Qual?

Desde quando percebeu esse problema?

Já procuraram especialistas? Quais?

O paciente está fazendo algum tipo de tratamento médico?

() psicólogo () Psiquiatra () Neurologista () Pediatra () outros, quais?

4. GESTAÇÃO:

- Quais as condições de saúde da mãe durante a gravidez?
- Levou alguma queda ou susto forte?
- Quais as condições emocionais da mãe durante a gravidez?
- O paciente nasceu com quantos meses?
- Com quantos quilos?
- Comprimento ao nascer?
- Qual tipo de parto? () Normal () Cesariana
- Teve algum problema após o parto? Qual?

5.SAÚDE:

- A criança sofreu algum acidente?Qual? () sim () não
- Submeteu-se a alguma cirurgia?Qual? () sim () não
- Possui alergias? () sim () não
- Tem bronquite ou asma? () sim () não
- Apresenta problema de visão? Qual? () sim () não
- Apresenta algum problema de audição? Qual? () sim () não
- Apresenta dor de cabeça? () sim () não
- Já desmaiou alguma vez? () sim () não
- Quando?
- Como foi?
- Teve ou tem convulsões? () sim () não
- Alguém da família apresenta algum problema de :
() desmaios () convulsões () ataques
- Quem?

6.ALIMENTAÇÃO:

- O paciente foi amamentado? () sim () não
- Até quando?
- Alimenta-se bem? Como é seu apetite?

7. SONO:

- Possui sono: () tranqüilo () inquieto () agitado () refere pesadelos
- () Acorda varias vezes.
- Qual o horário de dormir?
- Dorme sozinho ou com alguém?

8. DESENVOLVIMENTO:

- Andou com que idade?
 - Deixou de usar fraldas com que idade?
 - É lento para realizar alguma atividade? Qual?
 - Como o relacionamento da criança com os pais?
- () tranqüila () agressiva () amorosa () muito quieta () fechada () passiva
() medrosa () desligada.
- Quais as medidas usadas para disciplinar o paciente?
 - Como reage quando é contrariado?
 - Quais as atividades preferidas?
 - Descreva o dia-a-dia do paciente desde quando acorda até a hora de dormir:
 - O paciente gosta de ir à escola? () sim () não
 - Já repetiu a série alguma vez? () sim () não
 - Qual ou quais?
 - Gosta de estudar? () sim () não
 - Tem horário para estudar? () sim () não .Qual?
- Os pais ajudam o paciente nas atividades escolares? () sim () não

ANEXO B - Entrevista com a Aprendizente

Nome: V.G.S

Idade: 10anos e 11 meses

Escola: P.M.M

Série: 5º ano do Ensino Fundamental

1. O que mais gosta de fazer na escola?Por quê?
2. O que não gosta?
3. Você gosta de estudar? Acha que os estudos são importantes? Por quê?
4. Você gosta de seus professores?
5. Quando você não entende uma explicação o que você faz?
6. Onde você senta na classe? Onde gostaria de sentar?
7. Com quem brinca na escola?
8. Você faz as atividades de casa? Onde você faz?Quem ajuda a realizá-la?
9. Quais atividades escolares você acha mais difícil?
10. Quais atividades que você mais gosta de fazer?
11. Como é o comportamento dos alunos da sua sala?
12. O que você faz quando não está na escola?
13. O que você acha da sua escola?
14. Você se considera um bom aluno?
15. Você acha que tem alguma dificuldade em aprender?
16. Como é a sua família?Onde mora?Com quem mora?
17. Como você é tratado por seus pais?Pela mãe? Pelo pai? Pelos irmãos?
18. Você tem contato com seus avós, tios, primos?
19. Você gosta de ler?
20. O que você quer ser quando crescer?

ANEXO I – Entrevista com a professora

Nome:

Formação:

- 1-Há quantos anos exerce a profissão de professora?
- 2-Gosta do que faz?
- 3 - Qual a metodologia utilizada?
- 4 - Como vai o paciente na sala de aula?
- 5 - Como é o comportamento do paciente na sala de aula?
- 6 - Como reage quando é contrariado?
- 7 - Qual a sua reação com o aluno?
- 8 - Qual a sua relação com o aluno e com o grupo?
- 9- Quais as principais dificuldades apresentadas pelo paciente?
- 10- Quais as suas características quanto à aprendizagem e assimilação de conteúdos?
- 11- Como você descreveria a leitura e escrita do paciente?
- 12 - Como você descreveria o raciocínio lógico matemático do paciente?
- 13- Em qual dessas características o paciente se encaixa?
() agressivo() passivo () dependente () medroso () retraído () excitado() calmo () desligado () sem limites.
- 14 - Comparado as outras crianças da turma o paciente é:
() mais infantil () na média () mais amadurecido
- 15-Faz as atividades escolares?
- 16-Faz as atividades para casa?

ANEXO M – Prova da conservação de quantidades discretas

Ao aplicar o teste foram utilizadas vinte fichas de EVA do mesmo formato e tamanho, sendo 10(dez) vermelhas e 10 (dez) azuis.

(E). “Você tem certeza que estas duas fileiras tem o mesmo tanto de fichas?” ou “Há o mesmo tanto (ou a mesma quantidade) de fichas vermelhas e azuis?”

(E). “Se eu fizer uma pilha com as fichas azuis e você fizer uma pilha com as fichas vermelhas qual das duas ficará mais alta? - Por quê?”

(E) .Como você sabe disso?

Fez-se uma modificação na disposição das fichas de uma das fileiras, (A -B)espaçando-as de modo que a fileira A ficou mais comprida do que a B.

(E) “Tem o mesmo tanto de fichas azuis e vermelhas ou não?”

(E).“Aonde tem mais? “

(E) - “ Como você sabe?”

(E) - “Você se lembra que antes a gente tinha posto uma ficha vermelha diante de uma azul?” ou “ Outro dia um (a) menino(a) como você me disse que nessas duas fileiras tinha a mesma quantidade de fichas; o que você acha disso?”

Repetiu-se o mesmo procedimento do item 1, voltando as fichas para a situação desigualdade A “E agora o que você acha? Tem o mesmo tanto?”

Foram colocadas as fichas de acordo com o modelo (abaixo) e repetido o procedimento do item 2.

(E) . E agora o que você acha? Tem o mesmo tanto?”

(E). Aqui,um círculo com as fichas azuis e D.A.S- faça a mesma coisa com as fichas vermelhas não colocando nem mais nem menos.Em seguida perguntar: “Você tem certeza de que estão iguais? “ “– Há o mesmo tanto de fichas vermelhas e azuis?”.

(E) . Como você sabe disso?”

ANEXO N – Prova da conservação das quantidades de líquido

Foram utilizados dois vidros iguais (A, A₁) de diâmetro de aproximadamente 5 cm e altura 8 cm; um vidro mais estreito e mais alto (vidro E), um vidro mais largo e mais baixo (vidro L), quatro vidrinhos iguais correspondentes a aproximadamente $\frac{1}{4}$ do volume de A(P₁, P₂, P₃, P₄.)

(E)-“Estão iguais? Tem a mesma quantidade de água nos dois copos? Você tem certeza?Por que?

(E) “Se você tomar toda a água deste copo (A) e eu tomar toda a água deste (A') qual de nós tomará mais água? Por que?

Na segunda atividade . Transvasei a água de A para B(copo mais estreito e alto) e depois perguntei:

(E)-“E agora onde tem mais água?”

(E) “Por que? “Como você sabe disso? “

(E) Se eu beber a água de B e você a de A. Quem vai beber mais?

Usei a Contra – Argumentação:

(E)- Outro dia eu estava brincando com uma menina que tem sua idade e ela medisse que nesses dois copos tem a mesma quantidade de água porque a gente não pôs nem tirou. Você acha que aquela menina estava certa ou errada?

(E) Por quê?

(E) – Na terceira atividade transvasei a água de B para A novamente, mostrei à criança os dois copos Ae A' e perguntei:

(E) E agora onde tem mais água?

(E) Se eu beber esta água (A) e você esta (B), quem bebe mais eu você? “Por que ?”

(E) –Na quarta atividade transvasei a água de A para C(mais largo e mais curto) e depois perguntei:“E agora onde tem mais água? “

(E) “ Por que? Como você sabe disso? “Usei a Contra – Argumentação:

(E) Outro dia eu estava brincando com uma menina que tem sua idade e ela medisse que nesses dois copos tem a mesma quantidade de água porque a gente não pôs nem tirou. Você acha que aquela menina estava certa ou errada?

ANEXO O – Prova da conservação da massa

Foram utilizadas duas bolas de massa plástica de cores diferentes (diâmetro aproximado de 4 cm).

(E) "Estas duas bolinhas estão iguais?" - "Elas têm a mesma quantidade (ou o mesmo tanto) de massa?"

(E) Você tem certeza?"Porque? "

(E) Transformei uma das bolinhas em rolinhos, dizendo:-"Com esta eu vou fazer uma salsicha". Coloquei-a horizontalmente na mesa e perguntei: -"E agora onde tem mais massa?"Por que?

(E) Como você sabe disso?Usei a Contra-Argumentação:- Mas será que está aqui (indiquei a massa com forma de salsicha) tem mais massa mesmo, ela esta tão fininha?" O que você acha?

(E). Contra argumentei dizendo:-"Uma menina me disse que nesta mais comprida tem menos massa! O que você acha disso?

(E) Transformei a salsicha em bolinha novamente.Perguntei a V.G.S. se agora estão iguais novamente:

(E) Transformei uma bolinha em salsicha novamente. Coloquei a salsicha verticalmente sobre a mesa e perguntei:-"E agora onde tem mais massa? Por que? Como você sabe disso?Usei a Contra-Argumentação :

(E) Transformei a salsicha em bolinha novamente, e perguntei s bolinhas estavam iguais.

(E) Dividi uma das bolinhas em cinco pedacinhos iguais e disse:-"Desta vez eu vou fazer cinco bolinhas menores. Olhe o que eu fiz!"-"Perguntei. -"E agora onde tem mais massa, nesta bola grande ou em todas estas juntas -" Por Que?-"Como você sabe disso?" Pode contar (e contou) um, dois, três, quatro e cinco.

(E) -"Você se lembra, antes as duas bolas estavam iguais, tinha a mesma quantidade. O que você acha disso?"

ANEXO P – Prova da conservação do comprimento

Apresentou-se a V.G.S. dois barbantes de tamanhos diferentes, onde ela pode constatar e afirmar a desigualdade dos fios.

Brincando com a criança, dizendo que duas formiguinhas iam fazer um passeio, uma em cada estrada, ou seja, A (15cm) e B (10cm), questionei:

(E) Será que as duas formiguinhas vão andar a mesma distância?

Foram feitas curvas no fio A (15 cm), de modo que uma extremidade ficasse diferente do fio B (10cm).

ANEXO Q - Prova de Conservação de Peso

Antes de iniciar o teste foi verificado se V.G.S. conhecia as relações de peso indicadas pela balança, usando objetos (borracha, pedra e massa de modelar). Foi entregue a ela duas massas, com as quais ela fez duas bolas, verificando o peso das mesmas com o auxílio da balança.

Depois de constatado o mesmo peso, partiu, então para a primeira transformação. Fiz uma salsicha com uma das bolas de V.G.S. fingindo que iria pesá-la, dizendo:

(E) Se eu colocar a salsicha aqui será que ela vai pesar mais do que a bola, ou será que uma pesa mais que a outra?

(E) Como você sabe?

(E) Mas, você se lembra das duas bolinhas? Não era o mesmo peso?

Na segunda transformação (bola em pizza), tal como na terceira, (bola em dez fragmentos), foi preciso fazer retorno empírico.

ANEXO R - Prova de Conservação do Volume

Nessa prova foram utilizados dois vidros iguais, com água até o mesmo nível (2/4) e duas bolas de massa plástica.

(E) Se pusermos esta bola dentro do vidro, o que acontecerá com a água que está ai dentro?

(E) Por que você acha isso?

(E) E se pusermos esta outra bolinha, neste outro vidrinho, será que a água subirá o mesmo que neste? (o primeiro da comparação)

Ao transformar uma das bolas em salsicha, foi perguntado novamente:

(E) E agora, se coloco neste, a água subirá da mesma forma?

Com a segunda e terceira transformações, V.G.S. mostrou-se invencível em sua afirmação, pois, segundo ela, a bola aumentaria mais a água do que a pizza e as bolinhas fragmentadas.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ANEXO J – Protocolo para verificação da superação ou não do realismo nominal

(E) Diga uma palavra grande.

(E) Diga uma palavra pequena.

(E) Porque esta palavra é grande ou pequena?

(E) Qual é a palavra maior- a palavra ARANHA ou a palavra BOI?

(E) Por quê?

(E) Qual a palavra maior- a palavra TREM ou palavra TELEFONE?

(E) Por quê?

(E) diga uma palavra parecida com BOLA.

(E) Por que essa palavra é parecida com BOLA?

(E) Diga uma palavra parecida com CADEIRA.

(E) Por que essa palavra é parecida com a palavra CADEIRA?

(E) As palavras BALEIA e BALA são parecidas?

(E) Por quê?

(E) Diante do par de palavras PÉ e DEDO. Pergunta-se: Onde você acha que está escrito PÉ, e onde está escrito DEDO?

(E) Por quê?

ANEXO S
FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL.

Estágio Supervisionado em Psicopedagogia Institucional

Abordagem: -----

Orientadora: Ana Maria Vieira de Souza

Especialista

Nome do Aluno:

Instituição:

Data de início:-----

Relatório de Caso na Instituição Educacional

I. Identificação do paciente:

Nome:

Endereço:

Idade: ---- anos ----meses.

Data de Nascimento: -----.

Sexo: -----

Escolaridade: Cursando -----

II. Queixa.

Principais:-----

III. Anamnese

IV. História de Vida e Atual

V. Relação da criança com as pessoas relevantes da sua vida

VI. Dados que ilustram os comportamentos adequados da criança:

VII. Conceituação (Análise) da problemática do paciente/ Hipótese Diagnóstica:

VIII. Objetivos a serem trabalhados em campo:

IX. Intervenção Psicopedagógica e Técnicas Utilizadas:

X. Resultados Obtidos

XI. Encaminhamento:

XII. Referências

Freud, S. (1886-1889). Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos.
Rio de Janeiro: Imago, 2006.

ANEXO T
FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL

Profª Ana Maria Vieira de Souza
Pedagoga-Psicóloga-Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

Estágio Supervisionado em PSICOPEDAGOGIA Clínica

ENCAMINHAMENTO

Estamos encaminhando o (a) aluno
(a).....

Nascido (a) em ___/___/___, regularmente matriculado na ___ série estando
em processo de avaliação psicopedagógica e necessita
de:.....

Hipótese Diagnóstica :

Observações:.....

Anápolis, ___ de _____ 200__.

Ana Maria Vieira de Souza
Pedagoga Psicóloga
Psicopedagoga- Supervisora de
Clínico Psicopedagogia

Aluno Estagiário
Estágio Clínico Psicopedagogia
Pós-Graduação em Psicopedagogia

ANEXO U
FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL.
PROF^a ANA MARIA VIEIRA DE SOUZA
ESPECIALISTA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Profissional: Ana Maria Vieira de Souza. Pedagoga-Psicóloga-Psicopedagoga

Estagiário: _____

Eu, _____ aceito participar do Processo de Atendimento Psicopedagógico, cujo objetivo central é o de atender o participante oferecendo acompanhamento psicopedagógico e intervenção psicopedagógicas.

Estou ciente de que terei atendimento psicopedagógico durante as sessões, submetendo-me a atividades de testes, entrevistas, e observações por parte do estagiário de psicopedagogia. Reconheço que tenho o direito de fazer perguntas que julgar necessárias. Entendo que minha participação é voluntária e que poderei me retirar do processo a qualquer momento.

Os profissionais se comprometem a manter em confidência toda e qualquer informação que possa me identificar individualmente quando da apresentação de resultados deste trabalho às pessoas interessadas.

Anápolis, ____ de _____ de 2011.

Assinatura do participante

Assinatura do Profissional Responsável

Assinatura do Aluno Responsável

ANEXO C – EOCA

ANEXO D – Pareja Educativa

ANEXO E – Os quatro momentos da criança

ANEXO F – Planta da casa

ANEXO G – Desenho da família

ANEXO H – Dia dos meus compleâños

ANEXO K – Avaliação do ditado, da escrita e da leitura

ANEXO L – Avaliação de matemática